

Sesc^{tv}

Dezembro/2014 - edição 93
sesctv.org.br/aovivo

INSTRUMENTAL
**O SOM DA BATERIA
EM DIVERSOS
GÊNEROS MUSICAIS**

DANÇA
VIOLÊNCIA POLÍTICA
INSPIRA COREOGRAFIA

DOCUMENTÁRIO
UMA REFLEXÃO SOBRE
DIFERENTES FORMAS DE
LER O MUNDO



 [youtube.com/sescctv](https://www.youtube.com/sescctv)

 [@sescctv](https://twitter.com/sescctv)

 [fb.com/sescctv](https://www.facebook.com/sescctv)

festival

istambul agora

Karsu Dönmez

Dia 14/01

Kudsi Erguner Ensemble

Dia 21/01

Wonderland

Dia 28/01

Mercan Dede Secret Tribe

Dia 04/02

DJ Baris K, Ayyuka & DJ Tomash

Dia 11/02

quartas, 22 horas

sesctv

ESPAÇO PARA A MÚSICA INSTRUMENTAL

Rica em diversidade de estilos e gêneros, a música instrumental atrai uma plateia crescente de apreciadores, embora o espaço para a apresentação desses trabalhos ainda seja restrito. Ela está presente na história do cinema e da televisão, como elemento de construção de narrativas dos filmes, novelas e séries, sendo usada pelos diretores para reforçar a intenção de uma cena e provocar a emoção do espectador. Ampliar o espaço de apreciação desse gênero musical e promover um encontro entre os músicos e seu público estão no cerne do Instrumental Sesc Brasil, projeto criado e mantido pelo Sesc desde a década de 1980 e que apresenta, semanalmente, espetáculos ao vivo – inicialmente realizados na unidade Paulista e, atualmente, no Consolação –, cuja tônica é marcada pela diversidade de propostas. Os espetáculos são gravados e exibidos pelo SescTV, com a estreia de um novo programa a cada semana.

Neste mês, o SescTV exhibe quatro programas inéditos do Instrumental Sesc Brasil, dois deles com músicos bateristas: os paulistanos Duda Neves e Richard Ribeiro. Em comum, no repertório de ambos, estão composições que destacam e valorizam esse instrumento percussivo.

Na faixa de documentários, o canal apresenta programação especial de literatura, com cinco filmes que tratam da vida e da obra de escritores brasileiros, dentre os quais Clarice Lispector, Caio Fernando Abreu e Ana Cristina César. As produções traçam um panorama sobre o trabalho desses autores e permitem uma reflexão sobre o ato de ler e sua conexão com outras expressões artísticas.

A **Revista do SescTV** deste mês entrevista o professor Luiz Fernando Santoro, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, que fala sobre redes comunitárias de comunicação. O artigo da professora e pesquisadora Monica Fantin aborda a produção audiovisual para crianças. Boa leitura!

Danilo Santos de Miranda
Diretor Regional do Sesc São Paulo

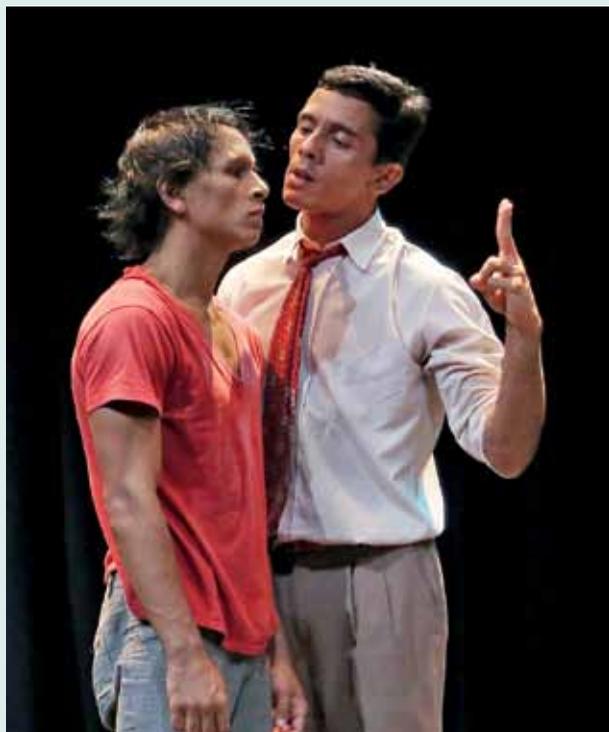
CAPA: Instrumental Sesc Brasil com Duda Neves.
Foto: Adi Leite

ÍNDICE

- DESTAQUES DA PROGRAMAÇÃO 4**
ENTREVISTA – Luiz Fernando Santoro 8
ARTIGO – Monica Fantin 10

Coreografia da tortura

COLÔNIA PENAL. FOTO: ALEX RIBEIRO



A história de um homem privado de sua liberdade por um estado autoritário, burocrático e arbitrário está presente em mais de uma obra do escritor tcheco Franz Kafka, como o romance *O Processo* e o conto *Na Colônia Penal*. Os dois textos retratam a violência contida em regimes ditatoriais. No conto, publicado em 1919, os quatro personagens principais não têm nome – são identificados apenas como oficial, explorador, condenado e soldado –, e a morte por tortura é uma forma de estabelecer a disciplina e o cumprimento da lei.

A injustiça, a perversidade humana e os castigos sem direito a defesa mostrados na obra de Kafka inspiraram a Cia. Carne Agonizante a montar o espetáculo *Colônia Penal*, que transpõe esse contexto para focalizar a ditadura militar no Brasil. “Acho perfeito esse casamento do ambiente e do clima kafkiano para revelar a ditadura e a crueldade com que foram feitas as torturas”, destaca a atriz e bailarina Amanda Santos. O coreógrafo e diretor da companhia, Sandro Borelli, completa: “Quem entrou para ver o espetáculo tem que sair machucado”.

O espetáculo é ambientado nos “porões” do regime militar, responsável pelo desaparecimento de centenas de brasileiros presos políticos. No palco, um homem

de camiseta vermelha passa por uma longa sessão de tortura enquanto, na sala ao lado, outros três torturadores falam de amenidades e riem ao comer e tomar vinho. Um dos algozes diz: “O mal tem seu papel neste mundo, e alguém tem que fazer”. E prossegue: “O conceito de justiça depende do ponto de vista. Quem é que pode nos julgar? Ninguém, nem Deus”.

Nessa dança teatralizada, encenada por seis intérpretes, ao som de uma música incômoda e intermitente, a vítima é animalizada, golpeada e jogada de um lado para o outro, como um objeto amorfo e sem vida. E esse jogo de tensões não para, pois logo aparece outro homem, que também começa a se despir. “Meu personagem é a próxima vítima. Ele dá a coisa cíclica para o espetáculo, como se aquilo fosse ininterrupto e viessem sempre novas vítimas. Era um ciclo de crueldade”, diz o bailarino Rafael Carrion.

O SescTV exibe no dia 12/12, às 21h, o espetáculo inédito *Colônia Penal* da série *Dança Contemporânea*, com direção para TV de Antonio Carlos Rebesco. Ainda neste mês, o canal apresenta outros três espetáculos inéditos: *Tira Meu Fôlego*, de Elisa Othake, dia 5/12; *Finita / Danças Passageiras*, de Denise Stutz / Zélia Monteiro, dia 19/12; e *Natureza Monstruosa*, de Marcela Levi e Lúcia Russo, dia 26/12.

ESPETÁCULO COLÔNIA PENAL RETRATA A VIOLÊNCIA CONTRA PRESOS POLÍTICOS

▶ DANÇA CONTEMPORÂNEA

Sextas, 21h

Tira Meu Fôlego, de Elisa Othake

Dia 5/12 **L**

Colônia Penal, da Cia. Carne Agonizante

Dia 12/12 **16**

Finita / Danças Passageiras, de Denise Stutz / Zélia Monteiro

Dia 19/12 **L**

Natureza Monstruosa, de Marcela Levi e Lúcia Russo

Dia 26/12 **L**

Bateria em evidência



INSTRUMENTAL - DUDA NEVES. FOTO: ADILEITE

A bateria em um grupo musical é o instrumento que marca o ritmo e dá estrutura às canções, mas não deve ser entendida como tendo um papel coadjuvante da música, por não estar em evidência como outros instrumentos melódicos ou mesmo a voz. É o que mostram os bateristas paulistanos Duda Neves e Richard Ribeiro, apresentando a bateria como a protagonista de seus shows.

Baterista desde os 12 anos de idade, Duda Neves buscou inspiração em nomes como o norte-americano Buddy Rich e os brasileiros Robertinho Silva, do grupo *Sonho Imaginário*; Rubinho Barsotti, do *Zimbo Trio*; e Aírto Moreira, do *Sambalanço*. Engajado nas causas ambientais, o músico também dá aulas de percussão a crianças do litoral paulista, ensinando-as a extrair o som de instrumentos não convencionais, como tampinhas de garrafas retiradas do mar. “As tampinhas são as maiores armas que existem no mar, pois tartarugas, gaivotas e peixes as comem e morrem”, explica.

Duda Neves apresenta seu espetáculo *Brasilidade* em episódio inédito do Instrumental Sesc Brasil, que o SescTV exibe neste mês, dia 14/12, às 21h30. Ele mostra 11 composições próprias de quatro de seus CDs

e também faixas assinadas por amigos. “*Brasilidade* é um estado de espírito, esse sentimento de fazer música pelo que nos cerca, o Pantanal, o Amazonas, o mar”, enumera. Além de tocar sozinho em algumas canções, Duda Neves conta com a parceria de Michel Freidenson (piano e teclado) e Sylvinho Mazzucca (baixo) em outras, como *Lucila*; *City Light*; e *Fogo na Cozinha*.

Outro destaque da bateria, Richard Ribeiro faz dupla com o guitarrista Regis Damasceno no projeto Porto, apresentado em show do Instrumental Sesc Brasil, que o SescTV também exibe neste mês, dia 28/12. O repertório reúne desde músicas introspectivas até faixas de rock carregadas de percussão. Entre as nove composições apresentadas estão: *Remédio para Melancholia*; *Classificados*; *Capetinja*; e *A Quarta Hora*, todas de autoria de Ribeiro. A ideia central do show, no qual o baterista também toca vibrafone e sampler, é a criação de ambientes e texturas sonoras para despertar mentes. “São canções sem letra, mas que vêm do coração, com um pouquinho de psicodelia e amor”, resume Ribeiro, que já trabalhou com músicos como Marcelo Camelo, Tulipa Ruiz, Karina Buhr e Marcelo Jeneci.

Os espetáculos foram gravados no Sesc Consolação e têm direção geral de Max Alvim e Carlos Zen. Ainda neste mês, shows inéditos do grupo *Jaiz in 4*, dia 7/12; e do multi-instrumentista e compositor *Carlinhos Patriolino*, dia 21/12.

INSTRUMENTO QUE DÁ RITMO E ESTRUTURA À MÚSICA VIRA PROTAGONISTA EM DOIS SHOWS INÉDITOS NESTE MÊS

▶ INSTRUMENTAL SESC BRASIL

Domingos, 21h30 **L**

Jaiz in 4

Dia 7/12

Duda Neves

Dia 14/12

Carlinhos Patriolino

Dia 21/12

Porto

Dia 28/12

Leituras do mundo

FOTO: DIVULGAÇÃO



Um mergulho nas mais complexas formas de ler e interpretar o mundo. Esse é o foco do documentário *Leituras*, com direção de Mario Kuperman, que o SescTV exibe neste mês. O filme propõe uma reflexão sobre o papel da leitura, em sua conexão com as artes e a cultura, partindo de uma viagem pelo cérebro humano e pelo processo de aprendizagem. Segundo dados apresentados no documentário, é entre os três e os seis anos de idade que uma criança começa a desenvolver as habilidades que vão permitir à sua mente observar, organizar e analisar o mundo em sua volta. E a leitura contribui para converter os signos linguísticos em observações visuais e imagens acústicas – seja em voz alta, seja na imaginação.

Ao compor frases mais complexas, a pessoa fica apta a mergulhar mais fundo no universo dos textos e dos livros. A própria origem de “texto” vem do verbo “tecer”, ou seja, cruzar as palavras, compor um sentido com elas. E foi com os romances modernos, a partir do século 17, que a sociedade ocidental consolidou a ideia de individualidade e da existência de uma voz interior. Com as novas ideias propostas, foram-se criando diferentes percepções e desafios, pois aprender a ler é, antes de tudo, aprender a ler

o mundo. E, nesse sentido, o livro não serve apenas como instrumento para domínio de uma língua, mas também para construção de perspectivas e posicionamentos sobre a vida. É a partir da linguagem que a pessoa consegue se localizar e atuar no espaço social. *Leituras* conta com depoimentos de personalidades como: os sociólogos Antonio Candido e Muniz Sodré, o psicanalista Contardo Calligaris, o escritor Pedro Bandeira e o dramaturgo Rodolfo Garcia Vázquez.

Ainda dentro dessa temática, o canal apresenta, neste mês, outros quatro documentários que trazem um panorama sobre escritores brasileiros. *Bruta Aventura em Versos*, de Letícia Simões, resgata a trajetória da poetisa e tradutora Ana Cristina Cesar, ícone da Geração Mimeógrafo; *Sobre Sete Ondas Verdes Espumantes*, de Bruno Polidoro e Cacá Nazario, revisita cidades do país e do exterior por onde passou o escritor gaúcho Caio Fernando Abreu; *Vozes da Guerra*, de Cristina Fonseca, aborda a Guerra de Canudos sob múltiplas visões, retomando a obra clássica de Euclides da Cunha; e *De Corpo Inteiro – Entrevistas*, de Nicole Algranti, mescla trechos reais e ficcionais sobre a escritora Clarice Lispector.

DOCUMENTÁRIO LEITURAS, DE MARIO KUPERMAN, PROPÕE UMA REFLEXÃO SOBRE A LITERATURA, AS ARTES E A CULTURA

▶ ESPECIAL LITERATURA DOCUMENTÁRIOS

Sempre às 20h

Leituras

Dia 16/12 **L**

Bruta Aventura em Versos

Dia 17/12 **10**

Sobre Sete Ondas Verdes Espumantes

Dia 18/12 **12**

Vozes da Guerra

Dia 19/12 **14**

De Corpo Inteiro – Entrevistas

Dia 20/12 **10**

O som dos livros de Tatiana

FOTO: JOAO CALDAS



De pátria russa e alma brasileira, a escritora Tatiana Belinky passou a maior parte da vida em São Paulo, onde criou seus personagens infantojuvenis, poemas e dois filhos. Até a data de sua morte, em 2013, a autora de 94 anos publicou mais de 250 títulos, entre livros de prosa, poesias e memórias; traduziu para o português importantes nomes de sua terra natal, como Anton Tchekhov e Leon Tolstói; ajudou a adaptar para a TV Tupi a primeira versão do *Sítio do Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato; e acumulou prêmios como o Jabuti, recebido em 1989 na categoria personalidade literária.

O universo mágico, bem-humorado e até absurdo das criaturas e narrativas de Tatiana Belinky foi reunido pela cantora Fortuna no musical *Tic Tic Tati*, que estreou nos palcos em 2012 e, em outubro deste ano, virou CD e DVD lançados pelo Selo Sesc. A maioria das 14 canções do álbum foi composta por Hélio Ziskind, autor de trilhas de programas infantis da TV Cultura de São Paulo, nos anos 1990, como *Cocoricó*, *Glub Glub* e *Castelo Rá-Tim-Bum*. O trabalho inspirado nas histórias e poesias de Tatiana surgiu quatro anos depois que Ziskind e Fortuna lançaram o musical *Na Casa da Ruth*, com faixas baseadas na obra da escritora Ruth Rocha, companheira de Tatiana na Academia Paulista de Letras.

A música *Tic Tic Tati* é uma minibiografia da escritora russo-brasileira, feita a partir do que Ziskind leu e conheceu sobre ela. “Toda manhã, vovó Tatiana senta em sua poltrona. Lápis, papel, óculos, lupa, telefone, luz de ler, cartas, jarra d’água, biscoitos recheados. (...) Tati, uma linda senhorinha, parece uma menina que gosta de brincar. (...) Quem gosta de histórias não sente o tempo passar.” Segundo o compositor, a autora já

tinha uma musicalidade natural em seus poemas. “A Tatiana nos deu muita abertura e liberdade para criar e também para modificar algumas coisas”, destaca Ziskind. De acordo com ele, a escritora não tinha medo de nenhum tema nem de que transformassem sua obra. “Na visão dela, imaginar nunca foi pecado, ela não subestimava as crianças”, diz.

O SescTV exhibe neste mês o musical inédito *Tic Tic Tati*, com a cantora Fortuna e um elenco de cinco cantores/bailarinos. No repertório, canções inéditas como *A Operação do Tio Onofre*; *Dez Sacizinhos*; e *O Caso do Bolinho*, em ritmos que vão do rock ao forró. Também estão no espetáculo canções já conhecidas do público, como *Lindo Balão Azul*, de Guilherme Arantes, e *O Vira*, do gupo Secos & Molhados. Com figurino multicolorido, em movimentos coreografados, o musical tem a participação de integrantes do coro cênico do Sesc Consolação. O show foi gravado em dezembro de 2012, no Sesc Consolação, com a presença da própria Tatiana Belinky na plateia. Direção para TV de Daniel dos Santos.

UNIVERSO LITERÁRIO DA ESCRITORA TATIANA BELINKY É TEMA DO ESPETÁCULO *TIC TIC TATI*, COM A CANTORA FORTUNA

▶ MÚSICA

Tic Tic Tati

Dia 24/12, 22h **L**

“Faz parte da democracia somar diferentes visões de mundo”

FOTO: LEANDRO GODOI



Luiz Fernando Santoro é formado em Rádio e TV pela Escola de Comunicação e Artes (ECA) da USP, mestre em Artes Contemporâneas pela Université de Provence, na França, e doutor em Ciência da Comunicação pela USP. Também é professor de Jornalismo na ECA e atua nas áreas de comunicação comunitária, convergência tecnológica e políticas públicas.

A GRANDE IMPRENSA E A TV A CABO TÊM OBRIGAÇÃO DE TRABALHAR COM UMA AGENDA QUE INCLUA DEBATES SOBRE IGUALDADE, GÊNERO, DEMOCRACIA E DIREITOS HUMANOS

De que forma a mídia pode contribuir para ampliar os debates sobre os principais problemas sociais do país?

Sempre entendi a comunicação de forma complementar, pois a realidade é multimídia. Não tenho preconceito com um veículo ou outro, respeito tanto a grande imprensa quanto a nanica. Mas hoje, mesmo com a explosão das redes sociais, a opinião pública ainda é formada pela grande mídia. Acredito que a grande imprensa e a TV a cabo têm obrigação de trabalhar com uma agenda que inclua debates sobre igualdade, gênero, democracia e direitos humanos. Um componente fundamental da democracia é ter programas que deem espaço para a sociedade civil organizada, como sindicatos, associações, organizações não governamentais (ONGs) e outras entidades que têm pensamentos semelhantes e desejam chegar ao coletivo.

Como as ONGs têm usado recursos da comunicação para construir uma rede alternativa de informação?

As ONGs são apenas um dos *players* da rede alternativa. O potencial a ser explorado ainda é grande. Houve uma explosão de informação escrita na internet e também uma grande invasão de produtos audiovisuais. Mas acho que a quantidade de experiências e trocas de informações na rede ainda é incipiente. Hoje é fácil produzir para a internet, com um largo alcance, mas não há um número tão grande de experimentos e projetos na TV. Temos o mundo nas mãos, muitos vídeos virais, mas isso não ocorre de forma organizada. As pessoas os veem, compartilham e esquecem; não usam esse material como um elemento de formação. O consumo desses vídeos ocorre em quantidade tão grande e tão solta que isso se dá mais como uma brincadeira, uma piada, algo exótico. Falta usá-los com atenção, de maneira educativa, didática, assim como um texto ou um livro pode ser estudado em sala de aula.

Como a internet, as redes sociais e os blogs têm contribuído para descentralizar a divulgação das notícias?

Essas ferramentas permitem que a informação circule mais, mas isso ainda acontece de maneira desorganizada. Alguns estudiosos acreditam que isso é positivo, mas é difícil pensar na opinião pública nesse contexto. Um jornalista não apenas divulga informações, mas garante que aquilo tenha credibilidade e precisão. Ele também pode fazer denúncias, tomar partido, mas seu

texto tem que ser relevante e correto. Além disso, se por um lado as redes sociais multiplicam a circulação de notícias, há muita coisa leviana, preconceituosa, grosserias e brigas – vimos isso principalmente durante a campanha presidencial. Isso tem a ver com uma falta de educação social, com o anonimato, com o fato de não se estar frente a frente com o outro.

Há cada vez mais produções audiovisuais, seja nas TVs comunitárias, seja na internet. Como isso interfere nas relações interpessoais?

Acho ótimo que as pessoas possam se expressar mais, mas faltam minidocumentários, curtas-metragens e produtos de qualidade. É preciso ter repertório antes de fazer algo: para produzir um vídeo de entrevista, por exemplo, você deveria assistir a 20 ou 30, desde a Globo até a TV Folha. Porque é em cima do que a gente conhece que se pode criar, é preciso ter referências, ver coisas semelhantes para fazer seu próprio material. Algumas pessoas fazem na internet uma TV dos anos 1960 e 1970, apenas gravam – e é na edição que tudo acontece. Aprendendo as regras básicas do audiovisual, mesmo em vídeos de celular, a qualidade melhora demais. O áudio e o vídeo precisam estar bons, mais até o áudio que a imagem, pois quase não é possível melhorá-lo depois.

Como a TV, especialmente a TV por assinatura, pode fornecer um maior espaço à movimentação popular e social?

Os aparelhos de TV estão cada vez melhores, maiores, mais finos e sofisticados. Apesar de termos acesso a tudo pelo celular, a TV ainda tem um espaço privilegiado, de exibição na sala ou no quarto. A televisão não está desaparecendo, mas se reinventando. A TV a cabo tem uma responsabilidade muito grande de permitir que ideias, criações, pensamentos e soluções propostas por determinados grupos cheguem ao grande público. Defendo que as produções precisam ir para o ar, ser reprisadas o máximo possível e ficar disponíveis *on demand* na internet, para que a pessoa veja quando e onde puder. Outro problema é que, quando os produtos vão para a TV, muitas vezes têm que ser cortados para caber na grade. Um programa tem que ter o tamanho necessário, ser mais livre, menos engessado. Outro equívoco é a atual medição de audiência, que avalia apenas quantas pessoas viram um programa naquele horário. Isso é uma preocupação das agências de publicidade, não de quem está interessado na cultura e na educação. A audiência deve ser somada, cumulativa de um mês, não pontual. Além disso, é preciso ser proativo nas redes sociais, articular possíveis desdobramentos dos programas.

FOTO: LEANDRO GODDI



O senhor pode dar exemplos de sucesso de TVs comunitárias no Brasil?

Nos anos 1980, a TV Viva de Recife funcionava em praças públicas, com objetivo de crítica social, humor e de fazer com que as pessoas vissem TV juntas. Em São Paulo, a TV Aberta tem mais de 160 programas e permite que vários grupos falem. Quem sobrevive nesse meio é quem tem recursos e um discurso organizado, como igrejas e conselhos profissionais – que compram espaço e falam para nichos de interesse, como médicos e advogados. Para uma ONG, ter um programa semanal ou mensal pode ser suficiente. E a luta é por espaços possíveis. Se até emissoras grandes têm dificuldade para preencher uma grade de programação, imagina uma ONG. Uma opção é fazer TV na internet, não necessariamente ter um canal de televisão. A Mídia Ninja, por exemplo, é a versão contemporânea dos vídeos alternativos e populares. Eles vão às ruas, gravam vídeos sob sua ótica e mostram sua visão de mundo. Buscam falar sem intermediários, sem o jornalista da grande imprensa, sem censuras, patrões ou anunciantes. Faz parte da democracia somar diferentes visões de mundo, permitir que elas coexistam e que haja tolerância. Como os canais formais não admitem esse pessoal, eles vão para a internet. Essa é a versão moderna da comunicação, fundamental para se ter uma visão plural da sociedade.

A TV A CABO TEM UMA RESPONSABILIDADE MUITO GRANDE DE PERMITIR QUE IDEIAS, CRIAÇÕES, PENSAMENTOS E SOLUÇÕES PROPOSTAS POR DETERMINADOS GRUPOS CHEGUEM AO GRANDE PÚBLICO

Criança e televisão: uma relação complexa

Por mais que se discuta criança e televisão, esse é um tema que nunca se esgota, pois essa é uma relação bastante complexa e suscita diferentes olhares. Do ponto de vista da criança, poderíamos abordar a televisão a partir de seus programas preferidos, seus gostos e repertórios televisivos, seu tempo de televisão em sua “dieta midiática”, as brincadeiras que inspira, os imaginários que oferece e também as inseguranças que promove, sobretudo quando assiste a algo além de sua capacidade de compreensão e discernimento sem ter alguém que a ajude a entender o fluxo realidade-fantasia que alterna desenhos animados, variedades, notícias, publicidade etc. Do lado do adulto, poderíamos problematizar o quanto ele sabe sobre o que suas crianças veem na televisão, e o quanto conversa com elas a esse respeito, bem como o quanto usa a televisão para “distrair” as crianças ou preencher seu tempo livre. Do ponto de vista da produção televisiva, poderíamos perguntar: como ela trata as crianças? O que oferece para assistir? Que tipos de programas são feitos pensando na especificidade e na singularidade do ser criança?

Perguntas que nos levam a pensar sobre o lugar da criança na sociedade, na mídia e nas relações “lúdicas e reais” que a televisão promove. Afinal, além de distração e entretenimento, a televisão propicia diversas formas de aprendizagens informais, de socialização e de pertencimento social e cultural e também de estímulo ao consumo. E essa reflexão sobre as “influências” e os riscos que a publicidade e certos programas podem causar às crianças remete à discussão sobre a ética e a estética daquilo que é oferecido às crianças na televisão e as condições da criança como sujeito de direitos e espectador crítico nesse processo de produção e consumo midiático.

Hoje, para a maior parte das crianças, assistir à TV representa uma atividade a mais da vida cotidiana, assim como comer, dormir, brincar, navegar na internet, ir à escola. Diversos estudos mostram o quanto as crianças aprendem e se socializam por meio dessas atividades espontâneas de observação, interação direta com pessoas reais, mas também com os personagens que ganham vida na diversidade dos programas televisivos. E isso pode ser preocupante se considerarmos que grande parte das famílias prefere deixar suas crianças em frente à televisão em vez de oferecer outras atividades lúdicas em espaços junto à natureza ou até mesmo conversar sobre o que elas assistem.

Isso revela que, na relação criança-televisão, a criança é vista pelo adulto de uma forma paradoxal: por um lado, os pais subestimam a capacidade de compreensão das crianças pequenas para entender situações complexas e, por outro, ficam maravilhados com certas afirmações de crianças maiores que demonstram suas competências, superestimando o que elas realmente são

capazes de fazer. Esse modo de ver revela-se também na interpretação do papel da televisão e sua presença na vida das crianças: pensa-se que antes dos 6 anos não haveria problema com aquilo a que a criança assiste, pois “a criança não entende” e, depois, também não haveria problema porque “a criança entende tudo”. E sabemos que não é bem assim.

É importante assumir as responsabilidades sobre os programas a que as crianças assistem, visto que isso pode se configurar como um problema social, político e cultural, além de jurídico, no sentido de assegurar os direitos da infância em relação à mídia: proteção, provisão e participação. Essa questão diz respeito a uma corresponsabilidade que envolve todos nós, inclusive quem realiza os programas, quem exhibe, e quem permite que as crianças assistam. Num mundo de fronteiras cada vez mais fluidas entre público e privado, por vezes a proteção parece ser atribuição apenas do espaço privado, doméstico e familiar. No entanto, essa questão também diz respeito a outros âmbitos, sendo necessário discutir a provisão e as qualidades que os programas para crianças devem ter para que possamos fazer nossas escolhas de modo consciente e mediar o direito de participação.

Nesse sentido, muitas são as perguntas sobre os programas de televisão que poderiam ajudar tanto produtores quanto pais e professores: Há preocupação com faixa etária e condição de infância? O programa faz a criança se sentir bem? Fala com a criança de forma inteligente? Preocupa-se com as diferentes formas de organização familiar, perfil sociocultural e comportamentos das crianças? Transmite segurança, autoconfiança e esperança? Encoraja a atitude autônoma das crianças? Estimula a ajuda aos outros? Mostra e celebra o entendimento e o respeito às diferenças? Estimula pensamentos positivos, solidariedade, respeito à natureza, consumo responsável, não violência? Há aventura, fantasia e bom humor? Há exploração de imagens desnecessárias? Mostra possibilidades para mudar o mundo ou para se conformar com ele? Apresenta solução aos problemas, ainda que fantasiosas? Que valores e identificações permite na construção do caráter?

Perguntas que nos levam a pensar que qualquer programa de TV pode ser educativo, pois educativo é o processo que se estabelece a partir da interação que as produções televisivas propiciam, é a conversa, a fruição, a reflexão e as sensibilidades tocadas que podem construir a compreensão sobre o que se vê, sente e compartilha nessa complexa relação.

Monica Fantin é doutora em Educação, Professora da Universidade Federal de Santa Catarina e Líder do grupo de pesquisa Núcleo Infância, Comunicação, Cultura e Arte, UFSC, CNPq.

ÚLTIMO BLOCO

ENSEMBLE MENTEMANUQUE. FOTO: ANA FUCCIA



FESTIVAL DE MÚSICA DE CÂMARA

Dez unidades do Sesc, em seis cidades de São Paulo, recebem, até o dia 7/12, o primeiro Festival Sesc de Música de Câmara. São 44 concertos e três workshops com o objetivo de destacar a música erudita executada em pequenas formações, com um repertório variado. Em sintonia com o evento, o SescTV exhibe, neste mês, espetáculos de Música Nova, com concertos de música erudita contemporânea, gravados em unidades do Sesc. Confira a programação: *Ensemble Música Nova*, dia 1º/12; *Syrius Trio – Parte 1*, dia 2/12; *Syrius Trio – Parte 2*, dia 3/12; *Ensemble Mentemaneque*, dia 4/12; *Les Percussions de Strasbourg – Parte 1*, dia 5/12; *Les Percussions de Strasbourg – Parte 2*, dia 6/12, sempre às 18h.

FOTO: DIVULGAÇÃO



OLAFUR ELIASSON, POR KARIM AÏNOUZ

O cineasta Karim Aïnouz (foto) comenta o processo de criação de seu filme *Domingo*, sobre o trabalho do artista nórdico Olafur Eliasson, em documentário inédito que o SescTV exhibe no dia 1º/12, às 23h. O programa, que integra a temporada *Videobrasil Coleção de Autores*, da série Videobrasil na TV, traz uma entrevista com o diretor Karim Aïnouz, que fala sobre os bastidores da realização de seu curta-metragem e do trabalho que realizou com Eliasson em 2011, uma instalação chamada Sua *Cidade Empática*. “Tinha a intuição de que o trabalho dele [Eliasson] te propõe um vazio para que você o preencha, para você imaginar, e ele te dá algumas pistas”, diz Aïnouz. **L**

ONGS NO COMBATE À AIDS

O trabalho que ONGs de diferentes países vêm desenvolvendo no combate à Aids é foco do documentário *Aids: As Respostas das ONGs do Mundo*, concepção de Roseli Tardelli, que o SescTV exhibe em 1º/12, Dia Mundial de Luta contra a Aids, às 20h. O filme traz depoimentos de ativistas e profissionais da saúde que lutam contra o crescimento dessa epidemia mundial e fazem um trabalho preventivo, com ampliação do acesso à informação e políticas públicas de esclarecimento sobre as formas de contágio da doença. Nos relatos, histórias sobre preconceito e desafios para ampliar o debate na sociedade, em especial nos locais de maior vulnerabilidade da doença, como os países africanos. **10**

ARTE NOS ATELIÊS

O SescTV apresenta, neste mês, quatro episódios da série Artes Visuais sobre ateliês que reúnem trabalhos artísticos de diferentes propostas e origens. O programa *Ateliê Fidalga*, exibido em duas partes, nos dias 3/12 e 10/12, mostra as pinturas, instalações, esculturas, videoinstalações, desenhos, colagens, fotografias e jogos realizados por 60 artistas, que se encontram nesse ateliê localizado na Vila Madalena, capital paulista. Já o programa *Casa Daros*, exibido em 24/12 e 31/12, traz a proposta desse espaço artístico de Botafogo, no Rio de Janeiro, ligado à instituição *Daros Latinamerica*, com sede em Zurique, Suíça, que reúne 1.200 obras entre pinturas, fotografias, vídeos, esculturas e instalações. Sempre às 21h30. Direção: Cacá Vivalvi.

Para sintonizar o SescTV: Se você ainda não é assinante, consulte sua operadora. O canal é distribuído gratuitamente. Assista também em sesc.tv.org.br/aovivo.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO – SESC
Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente: Abram Szajman
Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda



A revista SescTV é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Coordenação Geral: Ivan Giannini

sescsp.org.br

Supervisão Gráfica e editorial: Hércio Magalhães
Redação: Adriana Reis e Luna D'Alama
Editoração: Marcos Pereira Moreira
Revisão: Marcelo Almada

SescTV

Direção Executiva: Valter Vicente Sales Filho
Direção de Programação: Regina Gambini
Coordenação de Programação: Juliano de Souza
Coordenação de Comunicação: Adriana Reis
Divulgação: Jô Santina, Jucimara Serra e Glauco Gotardi

Envie sua opinião, crítica ou sugestão para atendimento@sesc.tv.sescsp.org.br
Leia as edições anteriores em sesc.tv.org.br
Av. Álvaro Ramos, 776. Tel.: (11) 2076-3550



Este boletim foi impresso em papel fabricado com madeira de reflorestamento certificado com o selo do FSC® (Forest Stewardship Council®) e de outras fontes controladas. A certificação segue padrões internacionais de controles ambientais e sociais.



Sincronize seu celular no QR Code e assista ao vídeo com os destaques da programação.

curta **DOC**

Em dezembro, no SescTV

Dia 2: Imagem Fixa | Dia 9: Prosa Musical | Dia 16: Os Vendedores

Dia 23: Caso de Polícia | Dia 30: Arteiros

terças, 22h

sesctv.org.br/aovivo

foto: casos de polícia



Sesctv



[youtube.com/SescTV](https://www.youtube.com/SescTV)



[@SescTV](https://twitter.com/SescTV)



[fb.com/SescTV](https://www.facebook.com/SescTV)